

Índio: história tecida na resistência

Cedda



Jussara Galhardo (em pé de óculos escuros): Fala com descendentes de índios, na defesa de grupos indígenas, cuja civilização foi destruída pela cultura do branco

Jussara Galhardo Aguirre Guerra

Durante parte dos séculos XVII e XVIII aconteceu no RN uma das maiores resistências indígenas do país, que recebeu o nome de "Guerra dos Bárbaros" ou Guerra do Açu, por ter sido o seu epicentro a região do Açu, e que depois se expandiu por vários estados do Nordeste. Por mais de 40 anos, diversas lideranças indígenas lutaram pela terra, investindo contra o avanço colonial. Seus heróis anônimos - Janduí, Canindé, Antônio Parapaba, Pedro Poti, entre outros - não são lembrados nem agraciados por sua bravura pelos livros de história.

Os "negros da terra" (denominação utilizada pelos lusitanos para se referirem aos nativos aqui encontrados) passaram por um longo processo de miscigenação, imposto pelo rei de Portugal, como forma estratégica de desocupação da terra e de limpeza étnica. A concepção era a de que, não sendo mais "índios puros", não tinham mais direito às terras originais, sendo estas

colocadas à disposição do projeto de expansão colonial.

Aliados a todo esse avanço dos empreendimentos da Colônia e ocupação territorial, a dispersão e o confinamento dos diferentes grupos indígenas pelos aldeamentos missionários faziam parte de planos estratégicos de desocupação definitiva do espaço nativo na região pois, "limpando" a presença indígena dos antigos territórios, havia motivos suficientes para se justificar e decretar a extinção e o desaparecimento dos donos da terra.

A partir do século XIX, com a criação da Lei de Terras, a situação se agravou e, definitivamente, não haveria mais lugar para o índio do Rio Grande do Norte. A sina que se tornou constante: as migrações, as fugas da escravidão, as perseguições. Negar as origens, através do ocultamento e da "invisibilidade", tornou-se uma defesa, a sobrevivência mínima garantida por meio do silêncio imposto. Dessa forma, a assertiva de que os "índios do RN desapareceram" ou que "foram extintos" encontrou sustentação

político-ideológica e viabilizou o processo sistemático da tomada de terras no Estado, mais presentemente pelo latifúndio.

Outros grandes aliados nesse processo de ocupação fundiária foram os censos oficiais que, ao longo de décadas, transformaram o indígena em "pardo", ou seja, a concepção que vigorou (e que ainda vigora) é a de que esta categoria abarca os mestiços em geral, portanto, não havia mais indígenas, apenas "resquícios" de índios. Este era um aval indispensável para "varrer" definitivamente do mapa, a presença nativa da região.

SEMANA DO ÍNDIO NO MUSEU CÂMARA CASCUDO REALIZAÇÃO DO GRUPO PARAPABA E MUSEU/UFRN

Mostra fotográfica e acervo da cultura material indígena no Museu Câmara Cascudo (av. Hermes da Fonseca) Quando: de 19 a 30 de abril de 2005. Horário: manhã e noite.

Acesso: Aberto às escolas e visitantes em geral.

TA-ANGÁ: IMAGENS DO COTIDIANO INDÍGENA Coordenação: Jussara Galhardo Aguirre Guerra e Rosemary Lins Sorrento. REUNIÕES DO GRUPO PARAPABA - GRUPO DE ESTUDOS DA QUESTÃO INDÍGENA DO RN - Encontro: Semana - Contatos: 215.4193 ou 9986.6182 - 641.1831 e-mail: filhosol@digl.com.br

Apoio na limpeza étnica

Toda essa estratégia política ganhou vigor através de ideologias elitistas e positivistas da época, e que lamentavelmente ainda hoje encontram eco em nossa sociedade. Vemos como exemplo as escolas que utilizam material didático crítico com relação ao assunto, reforçado por um corpo docente despreparado, desinformado e repetitivo com relação ao tema, resumindo-se a apresentar a seus alunos histórias quinientistas/seiscentistas ou, no máximo, ensaiando pateticamente comemorações anuais e folclóricas no Dia do Índio.

Muitas cabeças que deveriam ser pensantes continuam enclausuradas no berço esplêndido da mesmice evolucionista. Os desafios não são o seu forte, e isso muitas vezes impede de se ter uma visualização da resistência de grupos, os quais apesar das hostilizações advindas da sociedade circundante continuam a existir, embora transformados e adaptados a novas realidades de natureza política, social e econômica do país.

Muitos grupos rurais contemporâneos se deslocaram dos antigos aldeamentos, que se transformaram em vilas no RN, como também migraram, fugindo da escravidão imposta pelo colonizador. Algumas comunidades rurais investigadas até o momento, nos informam, através da oralidade, sobre esses acontecimentos. Referências bibliográficas locais muitas vezes corroboram as narrativas desses grupos e indivíduos entrevistados.

No entanto, só por meio de uma dinâmica que direcione os estudos a um ponto de partida que considere as transformações desses grupos sociais em questão é que se tornarão possíveis certas visualizações que de forma alguma poderão ser concebidas pelo método histórico-cartesiano.

No Rio Grande do Norte, inúmeras comunidades rurais demonstram, através dos anciãos, uma memória genealógica indígena e muitas vezes, uma identidade diferenciada (ligada aos antepassados indígenas) e expressa sem receios. Os mais velhos, em sua maioria, guardam um repertório de memória do grupo e de história de vida.

Narram sobre a origem, os costumes, a história e seus próprios mitos, a exemplo da Mãe D'Água, de Dona Fulzinha, entre outros seres encantados que "guardam" a natureza. Percebemos que a história da "avó/bisavó índia ou a Tapuia pega a casco de cavalo" é muito recorrente pelos sertões do RN, bem como nos interiores do Nordeste brasileiro. Os mais velhos sobretudo, afirmam-se como "caboclo brabo", "tapuio", que tem "sangue de índio", entre outras adjetivações e expressões que os remetem às origens desses antepassados.

Esse é o desafio: questionar a validade única e incontestável das "versões oficiais" e lançar mão dos avanços em estudos que relativizam o saber, ouvindo o "outro" que, por sua vez, passa a contar sua própria versão e a se revelar como sujeito histórico, desafiando as verdades absolutas, proferindo voz própria, a qual foi interdita e abafada pelos discursos hegemônicos por séculos e que agora flui como num desabafo, nos permitindo pensar sobre uma possível "resistência".

Jussara Galhardo é pesquisadora do Museu Câmara Cascudo e do Departamento de Antropologia da UFRN e Mestranda de Antropologia Cultural da UFPE. Contatos pelo e-mail: filhosol@digl.com.br.